

**REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE GOIANA EM ROSA E A ENXADA, DE
BERNARDO ÉLIS: CRENÇAS, CRENDICES E RELIGIOSIDADE****REPRESENTATIONS OF THE GOIANA IDENTITY IN ROSA AND A ENXADA, BY
BERNARDO ÉLIS: BELIEFS AND RELIGIOSITY**

272

Vivian Fraga dos Reis

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

vivianfragadosreis@gmail.com<https://orcid.org/0000-0001-9609-6307>

Marcela Ítalo Rodrigues e Silva Bianco

Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

mitalobianco@gmail.com<https://orcid.org/0000-0002-2895-7846>

Resumo: O presente estudo tem por objetivo identificar as marcas identitárias referentes a formação cultural goiana, a partir dos contos, *Rosa* e *A Enxada*, do escritor Bernardo Élis. Como elemento caracterizador da cultura local, este trabalho destaca as crenças religiosas que fazem parte da vivência dos personagens do sertão goiano. Os personagens principais dos contos, *Rosa* e *Supriano*, podem ser compreendidos como uma representação da população rural goiana, que vive sob um sistema de exploração: camponeses, trabalhadores rurais, agregados que têm em suas crenças, costumes e tradições culturais como uma espécie de marca da localidade. Tais evidências são características identitárias do sertanejo, como festas tradicionais, costumes, oralidade, crenças e festas religiosas, leilões e demais comportamentos locais. A pesquisa se pauta em uma abordagem bibliográfica por meio da qual há um confronto teórico dos autores (AMARAL, AMOROSO; COUTINHO; HALL) com as narrativas apresentadas. Os resultados demonstram que ainda hoje há forte herança destas tradições no dia a dia do goiano.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Religião. Literatura.

Abstract: The present study aims to identify identity marks referring to the cultural formation of Goiás, based on the short stories, *Rosa* and *A Enxada*, by the writer Bernardo Élis. As a characterizing element of the local culture, this work highlights the religious beliefs that are part of the experience of the characters in the backlands of Goiás. The main characters of the tales, *Rosa* and *Supriano*, can be understood as a representation of the rural population of Goiás, which lives under an exploitation system: peasants, rural workers, households who have in their beliefs, customs and cultural traditions a kind of mark of the locality. Such evidences are identity characteristics of the sertanejo, such as traditional festivals, customs, orality, religious beliefs and festivals, auctions and other local behaviors. The research is based on a bibliographical approach through which there is a theoretical confrontation of the

Building the way

authors (AMARAL, AMOROSO; COUTINHO; HALL) with the presented narratives. The results demonstrate that even today there is a strong legacy of these traditions in the daily life of the people of Goiás.

Keywords: Identity. Culture. Religion. Literature.

Introdução

273

A produção literária de Bernardo Élis chama a atenção, devido ao fato de que o autor se utiliza de uma escrita que aproxima às suas marcas textuais a um estilo rural. Na maioria de sua produção fictícia, a trama narrativa se desenvolve em um ambiente interiorano, especificamente no estado de Goiás. Por meio de uma descrição paisagística do cerrado é apresentado costumes e tradições culturais, sendo assim, seus personagens, se destacam, por viverem subjugados a um sistema opressor herdado do período da colonização brasileira.

Dessa forma, a elaboração deste trabalho parte da utilização das narrativas ficcionais de Bernardo Élis, utilizando os contos *Rosa* e *A Enxada*, onde existe a possibilidade de perceber elementos da cultura local, que retratam os modos de vida do sertanejo goiano. Diante disso, esse estudo se pauta por meio de leituras bibliográficas, confrontando-as com os contos apresentados, a partir de pesquisas já realizadas sobre temas que abordam o assunto.

É importante destacar que os contos do escritor enfatizam o modo de vida das populações sertanejas e o seu modo de relacionamento com o espaço geográfico. Nessa perspectiva, o cerrado se torna essencial, visto que, se torna o ambiente formador dos costumes, das tradições e do modo de vida em geral do homem do campo.

Outro ponto que merece destaque na literatura bernardiana, é o estilo utilizado pelo autor para demonstrar a imposição dos mandatários sobre as classes subalternas, os personagens representam as formas de submissão que são maculados: agregados e lavradores, geralmente a população mais pobre, são vítimas da exploração em todos os sentidos, sendo em alguns casos utilizados como “moeda de pagamento” e submetidos a condições exploratórias de trabalho, em troca de alimento e moradia.

O estudo destaca, contudo, que em meio ao ambiente de opressão, a religião, as crenças/descrenças, os costumes e as credices populares se mostram

Building the way

como elementos niveladores das relações sociais na sociedade, e que esses comportamentos são observáveis na literatura de Bernardo Élis.

Representações da identidade goiana: crenças, credences e religiosidade em Bernardo Élis

No processo de formação de um grupo social, costumes, tradições, (des)crenças e quaisquer outras formas de caracterizações específicas de uma sociedade em geral, se constituem com o decorrer do percurso histórico, que instaura essas marcas às nossas estruturas sociais. A interação com o meio ambiente, em suas diversidades geográficas, biológicas e históricas, acaba por desencadear a formação de novas culturas que se transformam/ressignificam nos espaços de convivência, uma vez que, as transformações são características imanentes do processo de formação social. Além disso, a sociedade em seus diversos tempos históricos tem aquilo que podemos chamar de características específicas, que determina comportamentos, crenças e costumes. Utilizemos como referência, por exemplo, à sociedade indígena brasileira no período anterior à colonização, quando se pensa nas tradições culturais desses povos, como a culinária, costumes, e etc, observamos que muitas marcas culturais desses povos são vivenciadas/utilizadas até hoje por vários grupos brasileiros.

Adentrando um pouco mais aos estudos e nas pesquisas hodiernas, observa-se que em cada região do país, há um conhecimento sobre costumes e características que são específicas de seus habitantes: os sotaques, os pratos típicos, as danças, o folclore e as demais atividades culturais. Sendo assim, se observa que cada localidade possui características peculiares no que diz respeito aos aspectos culturais. Assim como é abordado por Bezzi (2002, p. 7) “a região passa a ter uma nova interpretação e importância, sendo vista como um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos coletivos”.

No que se refere à literatura, umas das primeiras manifestações de representatividade de marcas eminentemente brasileiras, ocorre no período romântico. Segundo Coutinho (1999), o Romantismo é um estilo literário que surgiu no Brasil na primeira metade do século XIX, sendo caracterizado por um espírito saudosista e idealista, concomitante com a proclamação da independência. Observa-se que há nesse período, a valorização exagerada do nacionalismo nos moldes

Building the way

européus, onde os personagens se revestem de um abasileiramento nas narrativas de ficção, na poesia e nas outras formas de produção literária. Fica nítido as descrições pitorescas das paisagens brasileiras, as expressividades de um indianismo idealista, o sertanejo em seu estado de aparente pureza e outras mais e na ficção romântica observa-se a representação de um idealismo utópico do que seria o interior do Brasil.

275

Nesse viés, Antônio Candido apresenta uma nova perspectiva, ao se referir às particularidades brasileiras na literatura apresentada na década de 1930, assim expõe:

Talvez se possa dizer que os romancistas da geração dos anos 1930, de certo modo, inauguraram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que caracteriza nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior entendendo-se por litoral e interior menos geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações. Essa dualidade cultural, de que temos vivido, tende, naturalmente, a ser resolvida, e enquanto não for não poderemos falar de civilização brasileira (CANDIDO, 2004, p. 41).

Em outra abordagem, Antônio Candido (2000) se refere ao termo regionalista como uma fase de transição, entre os períodos de consciência de subdesenvolvimento e de consciência de crise e parece concordar que no período posterior ao Modernismo, os conceitos sobre Regionalismo se enquadram no período de consciência de crise:

Na fase de consciência de país novo, correspondente à situação de atraso, [o regionalismo] dá lugar sobretudo ao pitoresco decorativo e funciona como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura. Na fase de consciência do subdesenvolvimento, funciona como presciência e depois consciência da crise, motivando o comentário e, com sentimento de urgência, o empenho político (CANDIDO, 2000, p. 158)

É preciso considerar que, do ponto de vista crítico-literário, existe uma divergência quanto às definições de Regionalismo defendida por alguns teóricos:

Em sentido amplo, tudo é região, dependendo do que se quer chamar de região. A menos que se aceite o critério imperialista de que há um centro, e o resto que fique girando em torno, ou que se use um critério

Building the way

mais amplo, fortemente consolidado, mas nem por isso menos complicado, do ponto de vista intelectual, que opõe a cidade e sua cultura ao campo e sua cultura. Este último é que costuma ser a chave do debate (FISCHER, 2003, p. 46).

Considerando também essas questões, chama a atenção a referência ao estilo regionalista apresentado por Afrânio Coutinho que concorda com a definição de Fischer (2003):

[...] podemos definir o regionalismo de duas maneiras. Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Nesse sentido, um romance pode ser localizado numa cidade tratar de problema universal, de sorte que a localização é incidental. [...] (COUTINHO, 1999, p. 235).

É evidente a caracterização dual do termo e que de forma generalizada e conceitual, a definição de regionalismo, demonstrada pelo teórico, coloca as obras literárias como essencialmente regionais e ao mesmo tempo dá a essas obras uma caracterização universal, uma vez que, ao se referir as particularidades locais delas, é apresentado questionamentos relacionados ao ser humano de forma geral, e as questões que são vivenciadas pela humanidade em seu processo histórico-cultural buscando tratar dos problemas do ser humano num sentido mais ontológico.

Por outro lado, ao apresentar uma abordagem conceitual mais estrita, Afrânio Coutinho (1999) opta por apresentar que

[...] Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico. (COUTINHO, 1999, p. 235)

Esta última definição é a que nos importa na caracterização desta pesquisa, citada por Coutinho (1999), não desconsiderando as outras, como, por exemplo, a de Candido (2000) em que o autor faz referência ao contraste entre cidade e campo ou entre litoral e sertão. Isso se dá pelo fato de que, o regionalismo brasileiro, desde sua apresentação estilística no movimento romântico, em que se descreviam paisagens,

Building the way

costumes, tradições culturais, oralidade, até às produções modernistas e contemporâneas, que priorizava um engajamento literário e social das obras, passou por diversas transformações. Assim, ao definir uma obra regionalista, pode-se concordar com o teórico, quando diz: “[...] para ser regional uma obra de arte [...] deve retirar a sua substância real desse local. [...] as maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. [...]” (COUTINHO, 1999, p. 235).

277

No caso da literatura goiana, a partir das primeiras produções literárias, já é possível notar as demonstrações das marcas da localidade/identidade regional/cultural na produção narrativa. É importante destacar que tomamos por identidade regional/cultural como é definido por Hall:

"identidade cultural", é uma espécie de "verdadeiro modo de ser" coletivo, oculto no seio de muitos outros "modos de ser" mais superficiais ou impostos de forma artificial, que as pessoas com uma história e ancestralidade em comum partilhariam. De acordo com os termos desta definição, as nossas identidades culturais refletiriam as experiências históricas comuns e os códigos culturais partilhados que nos forneceria, enquanto "povo uno"; um quadro de referências e de sentido que, sob a mutabilidade das divisões e vicissitudes da nossa história concreta, se caracterizaria pela estabilidade, imutabilidade e continuidade. (HALL, 2006, p.22)

Considerando estas questões, Bernardo Élis, surge com um estilo regionalista e ao mesmo tempo inovador para a época e com uma narrativa voltada para as questões sociais do povo goiano, sem deixar de moldar a sua ficção com elementos que representam particularidades da região central do Brasil, especificamente o estado de Goiás e sua gente.

Pode se perceber que a produção narrativa de Bernardo Élis, carrega em si uma influência das produções romântico-regionalistas do século XIX, a saber, regionalismo realista pós-romântico e o regionalismo modernista do início do século XX, contudo, para Barbosa (2021), ao se referir às particularidades do escritor goiano, mostra que:

A escolha do escritor goiano Bernardo Élis e de sua curta e pouco explorada escrita poética não se dá por acaso, há que se entender que sua obra de modo geral traz diversos e incríveis registros de vivência e costumes que delimitam sem dúvida as incríveis possibilidades de acessar os viveres e fazeres da gente da antiga capital do estado, a

Building the way

poesia de Élis desnuda Goiás e o cerrado goiano, traduzindo para o leitor as particularidades, histórias e sentimentos profundamente ligados a esse senso de goianidade expresso no modo de viver do povo vilaboense. (BARBOSA, 2021, p. 02)

Também chama atenção o fato de que há o envolvimento dos personagens nas representações do modo de vida estritamente goiano em sua produção literária. Chaul (2011, p. 01) em artigo sobre a identidade cultural do goiano, define que: “Compreender a identidade do goiano, esse ser do Cerrado, é uma forma de pensar melhor a ideia de um Brasil Central ou de uma identidade de Centro-Oeste, unido, quem sabe, pela complexidade do sertão, pela possibilidade do Cerrado, ambiental e culturalmente falando”. Antônio Hohlfeldt (1990) também, ao se referir à produção escrita de Bernardo Élis, define que:

Bernardo Élis se aprofunda na crítica social, nas condições de violência, na exploração latifundiária, que caracterizam o desenvolvimento social e econômico das províncias brasileiras ainda hoje, de fato facilmente verificável nas manchetes dos jornais. Num espaço tipo fim-de-mundo, esquecidas, marginalizadas, as criaturas de Bernardo Élis lutam e reivindicam por sua condição humana, ainda que restritas num círculo fechado de regras próprias, ética e moralmente diferenciadas do universo urbano e tecnológico onde o tempo é um escorrer sem sentido, contínuo, infinito, com a mais absoluta estratificação das relações humanas, quase sempre animalizadas. (HOHLFELDT, 1990, p.25).

Vale destacar que é neste ambiente, até certo ponto contraditório socialmente, que são estabelecidas as relações socioculturais onde são produzidas as marcas identitárias dos grupos sociais que o escritor utiliza nas construções narrativas de seus personagens.

Concordando ainda com o assunto em questão, Nina Borges Amaral e Maria Betânia Amoroso, em artigo publicado na XV ABRALIC sobre Bernardo Élis e a identidade regional goiana, demonstram que:

Bernardo Élis acabou por refletir sobre questões regionais em seus textos e foi em parte responsável pelo estabelecimento do que passou a se anunciar como a identidade goiana. Tanto sua literatura quanto seu papel como editor da *Revista Oeste* são indícios da atuação do escritor no campo cultural nesse sentido. (AMARAL, AMOROSO, 2017, p. 2966).

Building the way

Pelos estudos apresentados anteriormente e considerando as fontes utilizadas para esta pesquisa, entende-se que a contribuição de Bernardo Élis é intensa para a literatura brasileira, ao exprimir em sua literatura o modo de viver/fazer goiano por meio da ficção (COUTINHO, 1999), ao se apropriar do contexto real, em que se evidenciam os aspectos culturais específicos de determinada localidade. Ainda fazendo referência a Bernardo Élis, Amaral e Amoroso (2017) concordam que:

279

Se pensar Bernardo Élis é também em alguma medida pensar regionalismo, e, novamente, se pensar regionalismo é pensar identidade, parece frutífero propor uma inversão em relação ao procedimento da crítica: ao analisar essa obra, a fortuna crítica bernardiana reconhece nela traços da identidade regional goiana e, por isso, a associa ao regionalismo literário. [...] (AMARAL; AMOROSO, 2017, p. 2966)

Devemos considerar, que, por mais que haja contradições em relação as definições dos conceitos regionalistas considerados pela crítica literária, o que se prioriza na narrativa literária de Bernardo Élis, são os traços das identidades regionais goiana como é posto por Amaral e Amoroso (2017).

É importante destacar também que, por meio da caracterização representativa dos costumes e das tradições goianas, as marcas dos personagens bernardianos revelam a complexidade existencial do indivíduo. Considerando o que Olival (1981, prólogo) descreve “[...] É o contraste da natureza assistindo, impassível, aos mais hediondos crimes, é o balbuciar dos oprimidos, são as reticências prolongando o arrojo dos pensamentos contidos”.

Observa-se que o cotidiano vivenciado pelos personagens em seus momentos de individualidade, como também as suas convivências se expressam por meio das interações sociais e é nítida nessas interações, descrições peculiares do modo de vida eminentemente goiano. Ao se utilizar do espaço goiano – sertão – como o pano de fundo para as construções de suas narrativas literárias, o autor demonstra o modo como seus personagens passam por um processo de transformação, que é representado por meio da descrição regionalista, o que possibilita que esses assuntos sejam transpostos para conceitos universais.

Dentro desse viés analítico, este estudo se pauta em apresentar dois personagens que representam modos de vida essencialmente goianos no que se refere aos aspectos identitários. Sendo os personagens de destaque: Rosa,

Building the way

personagem que dá nome ao conto “Rosa” e Supriano do conto “A enxada”, personagens que representam a história de muitos goianos. Os contos estão publicados na coletânea *Veranico de Janeiro*, em 1966, e se reveste das feições cotidianas das vivências de Goiás.

É necessário, porém, destacar que existem conceitos que, até certo ponto, são discutíveis quanto à caracterização identitária do goiano. O professor Chaul (2011), ao falar sobre “goianidade” e “goianice” comenta que:

Para se compreender esse processo de construção da identidade goiana é necessário retroceder pelos caminhos dos viajantes europeus que passaram por Goiás no século XIX e deixaram uma imagem que não explica a goianidade que aqui se pretende discutir, mas consegue deixar clara a ideia de goianice, termo pejorativo com o qual se vislumbrou Goiás e sua gente. (CHAUL, 2011, p. 04)

Explicitamente se demonstra o modo como a herança do processo histórico marcou a população de Goiás, desde os primeiros séculos de colonização do estado até nos momentos hodiernos, onde ainda há ainda questões culturais que são específicas no que tange o modo de vida do povo goiano. Chaul (2011) ainda enfatiza que:

Compreendendo historicamente nossa goianidade estaremos entendendo melhor o sentido cultural do sertão, do cerrado goiano, da ideia síntese que nos deu Vila Boa de como se manter quase intacta para ser moderna, como se preservar para ser eterna, como sendo tão antiga ficou maior que seu alge, Goiânia. Por tudo, acredito que alguma nuance cultural pode nos unir em termos de Centro-Oeste ou Brasil Central, permeando por sobre o nosso processo histórico, por sobre a batida de uma viola, uma dança indígena, uma herança arquitetônica, uma forma indivisível de como continuar fazendo parte dos desafios do Brasil Central. (CHAUL, 2011, p. 06).

A luz desses saberes o que se discute neste trabalho é o fato de que os aspectos culturais são de suma importância nas construções identitárias dos grupos sociais e que esses aspectos são uma possibilidade para a compreensão da cultura do homem sertanejo, do viver no sertão goiano e estar sujeito à regionalização característica desse bioma, o cerrado. Sendo assim, conforme exposto, podemos inferir que Bernardo Élis concilia os costumes, as tradições e o espaço geográfico com os personagens em sua produção literária narrativa.

Building the way

É nítido que os personagens congregam em si representações identitárias análogas, como religiosidade, costumes, crenças e demais caracterizações culturais, que serão apresentados para a explanação do assunto.

A construção do enredo do primeiro conto, “Rosa”, se inicia, durante a hora do almoço, com a chegada da personagem à casa de um comerciante por nome de “Seu Reimundo”, onde também se encontram a esposa, “Dona Rita” e o filho ainda um rapazinho.

Em um ambiente que pode ser caracterizado eminentemente goiano, um dos aspectos que marcam a narrativa é o tempo de estiagem, mais propriamente o final da temporada, fins de julho, em que tudo praticamente se encontra em estado de sequeidão. A descrição paisagística, se dá da mesma forma que ocorre no espaço geográfico do estado de Goiás, período do qual o escritor se apropria. Sendo que, quem vive no cerrado goiano, igualmente, convive com as mesmas variações climáticas representadas no conto:

Na rua paradisíssima, o capim secava com a seca. Um ou outro boi cambaleante de magro vinha roer a grama meio verde dos lugares úmidos, como ali perto da bica e ao longo do rego que levava as águas servidas da casa do Capitão Benedito para a grotta. Papa-capins e passo preto desciam em nuvens sobre o chão. Catando aqui e acolá as restantes sementinhas de capim, numa camaradagem íntima com o boi magrelo e tristonho. (ÉLIS, 2015, p. 85)

São nestes dias de seca que Rosa, ao chegar à casa de “Seu Reimundo”, pede hospedagem: “Rosa não queria ganhar nada. Rogava somente um canto pra mode dormir, um tiquim de comida mode não morrer de fome” (Élis, 2015, p. 82). Ali, a personagem passa a trabalhar em troca de abrigo e de um pouco de alimento. Nota-se que nesta aridez do cerrado, a personagem observa a natureza com absoluta intimidade. Quando a primeira chuva cai, ela planta o quintal da casa e de lá desaparece misteriosamente, assim como havia chegado.

Em linhas gerais, considerando a obra de Bernardo Élis, Gonçalves (2020, p. 89) entende que:

Sua narrativa traduziu a sociedade de seu tempo com suas contradições e conflitos. Apreendeu um Goiás em um país em transformação, mas, com rugosidades que insistiam em manter-se atravessadas na cultura, exploração do trabalho, concentração de terra e tramas políticas urdidas por coronéis e seus jagunços. Sua

Building the way

literatura não olvidou os gritos e as dores dos esfarrapados da terra, analfabetos. Deficientes, pilhados e feridos. Denunciou a desigualdade, a injustiça, o desmando e o uso impiedoso da força e da brutalidade da classe dominante contra a classe trabalhadora, camponeses, garimpeiros, agregados e sem terra.

Dessa forma, vemos que em “Rosa”, os elementos que definem a personagem permitem caracterizá-la de acordo com a visão de Gonçalves (2020): as dores dos esfarrapados, o que se pode perceber no seguinte trecho:

E explicou que o pai morrera, ficando sozinha nesse mundão de meu Deus. Que morava longe toda a vida, num lugar que tinha serras altas luminosas, com um rio escuro e gemedor: - A gente anda cinco léguas num dia; eu andei pra mais de mês até esbarrar nesse comércio. (ÉLIS, 2015, p. 83)

Nota-se que, em Rosa há uma exposição de total abandono, que é concernente com algumas épocas anteriores do estado de Goiás, que ficou estigmatizado pelo abandono, fato que, desencadeou “interpretações e representações de tradicionalismos, atraso e toda espécie de aspectos negativos que por ser agregados ao termo sertão” (SILVA, 2010, p. 10).

O andar, a esmo, demarcado por várias léguas em um dia, levando mais de um mês para se chegar a um povoado, que é pontuado no conto, representa uma população que vive em um estado primitivo ao olhar do ponto de vista social. É válido demonstrar que, Bernardo Élis não representa um sertão como vários regionalistas o fazem, ele escreve de modo que o caráter verossímil da obra aproxime ainda mais o leitor da narrativa. Tendo em conta que embora a narrativa se apresente como representação da realidade, há de se considerar que a produção fictícia de Bernardo Élis, traz em si o ponto de vista de Bhabha (1998, p.85): “imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade.”

Depreende-se então que, ao produzir a narrativa, Bernardo Élis entremeia aspectos do cotidiano histórico de forma contextualizada, de modo que os aspectos culturais dos grupos sociais são evidenciados na trama literária, como por exemplo, o costume de ir à igreja, durante a noite, fato que é comum, principalmente em pequenas cidades do estado de Goiás e que é representado pela personagem: “[...] À igreja ia de noite e lá ocultava-se num canto escuro, bem atrás, debaixo da escada do

Building the way

coro, de parelha com a preta Inácia, que a ensinou a embrulhar-se no xaile, misteriosamente. Para ir, ia calçada de chinelos, mas voltava com eles nos dedos”. (ÉLIS, 2015, p.83). Em “Rosa” fica evidente a religiosidade marcante do povo goiano que perdura pelo passar dos tempos.

Da mesma forma no conto, atrelado à religiosidade estão as credices populares, que permeiam os grupos sociais. Neste caso, os elementos da localidade se entremeiam com os costumes religiosos. No trecho que se segue, pode-se ver essa associação em relação a passarinhos tidos como, até certo ponto, castigados pela divindade:

[...] Tico-ticos também vinha, mas esses ela enxotava. Era bicho excomungado que ensinou para os judeus adonde Nossa Senhora estava escondida. Quem matasse um tico-tico e passasse o dedo no vão das suas perninhas, haverá de sentir um cabelo as prendendo. Era a peia que Deus botou nele pro resto da vida. Num vê que o bichinho só veve pulando? (ÉLIS, 2015, p. 84)

Na tentativa de anseio pelas dúvidas que fazem parte da existência humana, o sertanejo – caboclo – demonstra, por meio de um processo mítico, preencher o vazio que faz parte de seu cotidiano, principalmente por meio de suas credices. Castro e Lemos (2022, p. 12), ao apresentarem pesquisa sobre “Religião e Patriarcalismo” em Bernardo Élis, enfatizam que: “Ele assumiu o compromisso de tirar da invisibilidade, os camponeses explorados pelos coronéis da terra. Utilizou, com maestria, a cultura camponesa e a categoria da religiosidade popular para dar voz a esses atores sociais.”

Nesse viés, por mais que os costumes religiosos estejam enraizados na cultura popular brasileira, especificamente no convívio cotidiano do sertanejo goiano, observa-se que são os costumes/crenças/credices que possibilitam a compreensão dos aspectos culturais que marcam a sociedade:

A religião popular, cuja origem advém do processo colonizador, é um dos pontos-chave no entendimento do universo rural goiano, que está visceralmente impregnado pela religiosidade popular. É o cotidiano desse universo trágico e impregnado pela religião popular que nos é revelado pela literatura bernardiana [...] (CASTRO; LEMOS, 2022, p. 26).

Building the way

É perceptível que essa é apenas uma das diversas possibilidades de leitura de Bernardo Élis e é óbvio que a obra do autor goiano, do ponto de vista literário, permite muitas outras leituras, visto que, um conto não se restringe apenas ao enunciado aqui. No caso de “Rosa”, é nítido que alguns elementos são pertinentes para esse tipo de estudo, como o trecho que se segue: “[...] Quando o vento bulia com o folhame, Rosa fazia uma cruz com os dedos indicadores, mode espantar o Saci: ‘Tesconjuro, bicho feio!’” (ÉLIS, 2015, p. 89). Nesse trecho, existe a representação, das crendices, associada à religiosidade cristã e à preocupação em cumprir a promessa que foi feita em um caso de necessidade: “- Vinhero comprar sene, esponjado-mar, sal e cumpri uma promessa pra Nossa Senhora da Penha”. (ÉLIS, 2015, p. 87).

É indubitável que às superstições, também são imprescindíveis para o imaginário cultural, dado que, estão interiorizadas no pensamento popular. Observa-se que essas superstições se apresentam no conto “Rosa”, sendo expressas pela personagem: “[...] lutas, queixumes amargos de morte, de transe, dolorosos de ingratidão e sofrimentos ignorados; vozes falando linguagem pesada de feitiços e superstições; muitas murmurações povoavam o silêncio da mulher”.

Outro trecho de destaque, diz respeito ao período de ansiedade que antecede às chuvas, fato que é extremamente marcante no cerrado goiano, já que a espera do período chuvoso é como um alívio diante a época de estiagem na qual o ar seco, a umidade baixa, a poeira e a completa sequidão tomam conta do ambiente/espço, destarte o período chuvoso é tido como um momento de refrigério para a população local.

Benedito estava de olhos pregados no céu aguardando o aguaceiro que restabeleceria seu gado, sustaria a morte de algumas dezenas de reses. Chico contava que lá para a banda dos Barreiros do Meio já tinham caído bons pés-d’água; Nas Galinhas já chovera tanto que as jabuticabeiras estavam madurando as frutas, e milho estava nesse tope assinzinho. (ÉLIS, 2015, p.92)

As referências acima são observáveis em alguns contextos do dia a dia de Goiás, chove aqui, chove ali, o que aumenta ainda mais a esperança de superação do período de seca. O conto se finda com a chegada da tão esperada chuva, aliada à crença religiosa, o que dá ao conto uma das características do modo de vida goiano: “Da rua vinha a voz do Maneta: - Num falei! Num falei que chovia de noite? Agora é

Building the way

chuva até a entrada da lua nova, coma ajuda de Nossa Mãe Maria Santíssima”, (ÉLIS, 2015, p. 93).

Partindo para o conto *A Enxada*, também fica evidente vários elementos caracterizadores dos costumes goianos. A trama narrativa é construída por meio de um processo literário engajado, que enfatiza os problemas vivenciados na sociedade goiana. Afrânio Coutinho (1999) demonstra que o estilo literário engajado – de Bernardo Élis, mescla o erudito e o popular, e os caracteriza com fortes questionamentos sociais. As personagens, representadas na ficção narrativa, demonstram ter um modo de vida sofrido e marginalizado, além disso, são subservientes/subordinados aos mandos do poder dominante: surgem os maus patrões, os maus religiosos, os maus militares, os maus juízes, os maus políticos [...]” (BECHARA, 1974, p. 11).

O conto *A Enxada* se inicia com a busca incessante da personagem “Supriano”, por uma enxada na primeira metade do mês de dezembro, época do plantio de arroz. Caracterizado como um ser em extrema pobreza, com um filho deficiente e esposa doente, a personagem é utilizada como moeda de troca, é obrigada a plantar a roça de arroz até dia 13 de dezembro, que é o dia de Santa Luzia. Entretanto, por não conseguir a ferramenta que é essencial para o plantio, o faz com as próprias mãos, fato que não impede o seu assassinato no final da trama.

Durante o percurso narrativo, existe a possibilidade de perceber diversos elementos que constituem o conto. Mais uma vez se destaca os costumes locais, as crendices e a religiosidade, no ambiente sertanejo. O início da narrativa já demonstra alguns fatos que são comuns na vida sertaneja do goiano “[...] Naquele dia, por exemplo, chegou no sítio de Seu Joaquim Faleiro, marido de Dona Alice, beirando aí as sete horas, no momento em que a mulher mais os filhos estavam sapecando um capado matado indagorinha”. (ÉLIS, 2015, p. 56). É viável que assim como na vida cotidiana do sertanejo, o dia de matar capado é um momento de reunião da família. No caso do conto, aqui apresentado é o instante em que “Supriano” chega para pedir uma enxada emprestada.

Na descrição narrativa, da mesma forma, se percebem os modos de vida de pequenos sitiante:

Joaquim Faleiro era sitiante pobre, dono de uma resguinha de vertente boa. Vivia de fazer sua rocinha que ele mesmo, a mulher e dois

Building the way

cunhados iam tocando. Vendiam um pouco de mantimento, engordava uns capadinhos, criavam umas vinte e poucas reses e fabricavam algumas cargas de rapadura na engenhoca de trás de casa, mode vender no comércio. (ÉLIS, 2015, p.58).

As práticas do dia a dia, as vivências do sertanejo, em meio aos seus costumes e tradições, fazem da literatura um modo de expressão humana em todos os sentidos. Nas palavras de Todorov (2011, p. 11), a literatura “nos brinda com todos os temas humanos recorrentes na tradição erudita e popular”. Dessa forma, a produção literária de Bernardo Élis é um canal de conhecimento para a compreensão da tradição popular goiana, porém, denota também, a tradição que é marcada por momentos de opressão, por aqueles que são marginalizados pelo sistema.

Ao ser cobrado para pagar a dívida, “Supriano” é maltratado da forma mais excludente e racista e quando indaga a respeito de conseguir uma enxada com o patrão: “- Nego à toa, não vale a dívida e ainda está querendo que te dê enxada! Hum, tem muita graça!” (ÉLIS, 2015, p. 59). Entretanto, nota-se que, por mais que a personagem se encontre nesse ambiente de opressão e marginalização, o apego à fé religiosa se torna uma fonte de esperança, na expectativa de conseguir a ferramenta tão almejada: “Supriano botou a mão na cabeça: adonde achar ua enxada, meu Divino Pai Eterno!” (ÉLIS, 2015, p.59). Constata-se que a recorrência ao divino, é um costume que está enraizado na tradição goiana, e na obra serve como uma súplica a ser atendida em sua peregrina busca por uma enxada. “No seu desespero, Piano verbaliza sua relação com o sagrado, e deposita suas esperanças em Deus. “Deus ajudando” é expressão corriqueira na boca de Piano, e soa, como seu último fio de esperança, um pedido angustiado de socorro.” (CASTRO; LEMOS, 2022, p. 138-139).

É de crucial importância perceber que a cobrança feita pelo patrão se dá, também, em um momento marcado pela religiosidade. “- Em dia de Santa Luzia, tu ainda nesse dia não tenha plantado o arroz te ponho soldado no lombo, rã-rã.” (ÉLIS, 2015, p.60). Castro e Lemos (2022, p. 153-154) se referem à tradição religiosa goiana da seguinte forma: “O catolicismo fatalista, que remete o sofrimento à vontade de Deus, que impregna o universo rural bernardiano, não foi inventado por Élis; ele está presente na gênese histórica da sociedade brasileira e goiana”. O que se entende então, é que a fé religiosa serve como elemento justificador até nos momentos de opressão.

Building the way

Crenças também atribuídas a elementos da natureza são expressas no conto:

Ah, que se fosse em como na porteira velha do Engenho, por dinheiro nenhum que Supriano ia demorar por lá depois das ave-marias! Nessa porteira existia uma pantasma moradora das mais brabas desse mundo! Credo! E Supriano fazia o pelo-sinal duas vezes de toada. (ÉLIS, 2015, p. 62).

287

Uma mistura de crenças sobrenaturais funde a religião aos elementos do ambiente, como se houvesse uma tentativa de explicação lógica para os fatos que não são compreendidos de forma racional. Em relação aos costumes religiosos do sertanejo:

O universo rural goiano, retratado por Élis, está marcado pela tradição. Lá, a religião é uma tradição, apreendida no seio da família. Crenças e costumes são transmitidos de uma geração a outra. [...] O catolicismo rústico molda a visão de mundo dos sujeitos que habitam o universo rural goiano, molda o ethos da cultura goiana. No contexto de vida rural, o homem e a mulher se sentem dependentes das forças cósmicas, e sua sobrevivência é um presente desse universo mágico e misterioso. (CASTRO; LEMOS, 2022, p. 29).

Comumente, o sobrenatural está atrelado à crença católica no ambiente narrativo dos contos aqui apresentados. Além disso, de forma irônica, a hierarquia da classe religiosa católica expressa em “*A Enxada*” demonstra a relação de poder como uma prática cotidiana. Notamos, o endeusamento do sacerdote, o melhor lugar e o melhor cuidado devem ser dados à figura religiosa. No trecho que se segue, está explícita essa relação quando “Supriano” se encontra com o vigário:

Piano já estava enjoado de esperar, quando deu de acontecer que passou pela porteira o seu vigário. Adiante o sacristão numa mulinha troncha, vermelha, atrás o vigário na sua mulona ferrada, guarda-sol aberto, dos brancos por fora e azuis por dentro, lendo o breviário, muito seu fresco. (ÉLIS, 2015, p. 62).

Enquanto o sacristão cavalga em uma “mulinha” – o que se pode entender o uso do diminutivo como termo pejorativo – troncha e vermelha, sob o sol escaldante; o vigário, pelo contrário, cavalga uma “mulona” ferrada e ainda se utiliza de um guarda-sol branco e azul, quem sabe as cores celestiais que atestam a soberania do

Building the way

pároco. “Supriano” deposita no padre a esperança de conseguir a enxada e mais uma vez, fica por conta de Deus a responsabilidade de se obter a ferramenta: “Piano reconhecia o empenho do padre, mas não pretendia dar-lhe maiores trabalhos. Deixasse aquilo. Que se podia fazer? Melhor entregar para Deus, que é pai”. (ÉLIS, 2015, p. 65).

Em momentos de delírio, Supriano, mais uma vez, vai demonstrar as suas crenças como um meio de suavizar os conflitos em que vive. Ao sonhar com a chuva na roça, intercede pela santa que lhe dê proteção em sua plantação: “[...] Chuva dia e noite. Não chuva braba, que Santa Bárbara o defendesse, que essa levaria a terra, enchendo e arrastando todo o arroz que Piano ia plantar pela encosta arriba, o arroz que crescia bonito, verdinho, verdinho. Fazendo ondas ao vento”. (ÉLIS, 2015, p. 68-69). Isso demonstra que:

A religiosidade rural, a relação com os(as) santos(as), não somente torna o mundo e seus acontecimentos relativamente compreensíveis para o homem (e a mulher) rural, ao colocar as várias peças deste mundo e de sua história em seu lugar dentro duma ordem mais ou menos satisfatória, mas é também uma fonte contínua de teimosia para enfrentar a vida e seus problemas [...] (CASTRO; LEMOS, 2022, p. 32)

Como não lhe resta outra alternativa, a esperança religiosa se destaca como sua última fonte e esgotadas todas as suas possibilidades de se conseguir uma enxada, “Supriano” saí de madrugada, no dia de Santa Luzia e com as próprias mão cava a terra, numa atitude desumana semeia o arroz, quando “[...] o baque de um tiro sacudiu o frio da manhã. [...]” (ÉLIS, 2015, p. 75). Ao final trágico da personagem, segue a cidade em festa:

Olhava-se para a banda da Mata, vinha gente. Olhava-se para o lado do Barreiro, vinha gente. Para onde quer que se olhasse estava gente chegando para a festa do Divino Espírito Santo: gente de a cavalo, cargueirama, carros de bois e uns poucos a pé. [...] A cidade como que engordava, uma alegria forte abrindo risos nas bocas, muita conversa, apertos de mão e abraços. “Ara, comadre, e eu que achava que a senhora nem num vinha. Apois, então eu ia soltar seu compadre no meio de tanta moça bonita! É baixo, uai! Cavalo velho num reseste eguada nova.” (ÉLIS, 2015, p. 76)

Depreende-se então que, independente das questões e dos problemas sociais, a cidade se reveste de festividades, de encontros de comadres e conversas

Building the way

do dia a dia, dando vazão a reverência ao Divino Espírito Santo que envolve tanto o explorador quanto o explorado no mesmo sistema. Situações tais, que coadunam com o real cotidiano, e que são referências essenciais para a produção fictícia literária de uma determinada região:

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona os problemas de mão-de-obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros), suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira. (CANDIDO, 2001, p. 88)

Percebe-se assim que, da mesma forma que Candido (2001) se refere a algumas particularidades da literatura tida como regional, há um nivelamento das classes sociais que é permitido/favorecido pela fé, pelas tradições e costumes que fazem parte do sertão goiano. Os doces, os mutirões, a preocupação em cuidar da cidade, o leilão, as trocas de experiências, tudo se apresenta conciliando o religioso e o profano em total harmonia:

[...] A conversa era em torno de bois, vacas, cavalos, porcos, sela, capa, mantimentos de fazendas. A festa era uma grande feira para negociatas e badrocas. Que o leilão ia ser muito arrojado, [...]

A cidade inteira retinia com o retintim das enxadas limpando o mato dos quintais das casas que permaneceram fechadas durante o ano. Os moradores das cidades também se valiam da quadra da festa para limpar as calçadas, capinando a grama que crescia entremeio às lajes, abrir uma estradinha no largo, enfim, dar um toque mais urbano à cidade tão rural.

[...] Esse trabalho ocupou Inácio de Flores, Maria do Galdino e outras mulheres hábeis na fabricação de verônicas, alfinins, doces de cidra e mamão, as quais favoreciam o festeiro no arranjo dos enfeites para a mesada. (ÉLIS, 2015, p.77).

Sendo assim, o desfecho se resume em um casal totalmente abandonado: “[...] aquela velha era a mulher e o bobo era o filho de uma tal de Supriano, por apelido Piano, [...]” (ÉLIS, 2015, p. 78). Nem a igreja, nem as festas, nem as tradições foram suficientes para Supriano conseguir uma enxada e manter a sua vida.

Dessa forma, a narrativa ficcional de Bernardo Élis demonstra, por meio das vivências do cerrado, marcas culturais advindas de um sistema opressor em que os subalternos estão condicionados à vontade daqueles que detêm o poder.

Considerações finais

Estudar Bernardo Élis é uma oportunidade a mais de se compreender o universo cultural do estado de Goiás, os costumes, as tradições e a religiosidade de forma geral, uma vez que, as características peculiares dos povos são marcadas por crenças e credences das mais variadas formas, aspectos estes que fazem do habitante do cerrado goiano uma excentricidade, quando pensamos em sua cultura identitária.

Destarte este trabalho se dispôs a perceber na narrativa fictícia de Bernardo Élis, elementos que justificam a prática cultural de um povo, em um determinado recorte temporal. Neste caso, as descrições sobre os costumes e as tradições do ser goiano são trabalhadas nos contos que foram apresentados – *Rosa* e *A Enxada*, observa-se que ambos remontam à primeira metade do século XX em um estado fortemente marcado pelas relações de poder – patriarcalismo e coronelismo – e que ainda no contexto atual podem ser percebidas.

Evidencia-se que os personagens apresentados representam o universo cultural dos goianos, e que são submissos a opressão do sistema. Evidencia-se que por meio desse panorama narrativo, Bernardo Élis é capaz de demonstrar as mazelas sociais pelos quais estão longânimes as populações excluídas e marginalizadas.

Ao descrever uma paisagem, até certo ponto romantizada em sua narrativa, Élis estabelece o modo de vida conflituoso do sertanejo goiano e nesse meio faz referências à religiosidade como um dos aspectos mais marcantes da cultura goiana. A fé se destaca como uma fuga dos problemas vivenciados, além de ser um modo passivo de submissão ao poder.

Sendo assim, de forma geral, as festas, as tradições, as rodas de conversa, os leilões, os mutirões, os santos e os demônios que estão presentes no imaginário rural, como a fé em santos e demais divindades, fazem da literatura de Bernardo Élis uma opção de pesquisa e conhecimento sobre o modo particular da vida do sertanejo e de várias populações que vivem em cidades interioranas, o que acaba por representar alguns aspectos de sua identidade social, que é inesgotável para às pesquisas acadêmicas relacionadas tanto à história quanto à literatura.

REFERÊNCIAS

AMARAL, N. B.; AMOROSO, M. B. Bernardo Élis e a identidade regional goiana. **XV ABRALIC** – experiências literárias, textualidades contemporâneas. 2017. Disponível em *v. 13, n. 1*

ISSN 2237-2075

Building the way

em <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491411507.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2022.

BARBOSA, W. A. Os mesmos becos, outros olhos: história, costumes e memórias da cidade de Goiás na obra poética de Bernardo Élis. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v.10, n.4, p.1-22, nov., 2021. Disponível em <<https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/12547>>. Acesso em: 15 out. 2022.

BECHARA, E. Bernardo Élis: apresentação. IN: ÉLIS, B. **Seleta**. (Org.). Gilberto Mendonça Teles. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**, v. 27, n. 1, p. 5-19, 2002.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANDIDO, A. **Brigada Ligeira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CASTRO, M. A.; LEMOS, C. T. **Religião e patriarcalismo na literatura de Bernardo Élis**. Goiânia: IFG, 2022.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás: da construção da “decadência” aos limites da “modernidade”**. Goiânia: UFG, 2011.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil: era modernista**. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.

ÉLIS, B. **Melhores contos**. (seleção de Gilberto Mendonça Teles) 4. ed. São Paulo: Global, 2015

FISCHER, L. A. **Literatura Brasileira: modos de usar**. São Paulo: Abril, 2003

GONÇALVES, R. J. de A.F. **Cascalhos inclementes: garimpo e violência no conto sua alma sua palma, de Bernardo Élis**. Goiânia: Universidade Estadual de Goiás, 2020.

HALL, S. **Identidade cultural e diáspora**. Comunicação & Cultura, vol 1. p. 21-35, 2006.

HOHLFELDT, A. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

OLIVAL, M. de. C. S. Prólogo: Traços da escritura bernardiana. In: ELIS, B. **Caminhos dos gerais: contos**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

Building the way

SILVA, B. G. M. Os moderninhos do sertão: a traição da tradição e o culto à modernidade. **27^a. Reunião Brasileira de Antropologia**. UFRN, 2010. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/15349/13648>, acesso em 05 de out. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo**: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto. Rio de Janeiro: Difel, 2011.